

# O caráter particular da GDF como teoria de uma ferramenta complexa da comunicação linguística

*The particular character of FDG as a theory of a complex tool of linguistic communication*

J. Lachlan MACKENZIE\*

Universidade de Coimbra, Portugal (CELGA-ILTEC)

**RESUMO:** Este artigo objetiva apresentar minha perspectiva acerca da teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), uma teoria estrutural-funcional, situada a meio caminho entre as teorias radicalmente formais e as radicalmente funcionais. Argumento, neste artigo, em favor da ideia de que GDF é ferramenta cognitiva por meio da qual o falante pode, estrategicamente, estimular o ouvinte a ativar sua imaginação e a inferir o que o falante quer veicular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática Discursivo-Funcional. Formulação. Codificação.

**ABSTRACT:** This article aims to present a perspective on the theory of Functional Discourse Grammar (FDG) as situated between formal and functional theories. FDG sees grammar as an instrument, translating the speaker's intention into the articulation of an utterance, or deciphering an utterance to permit the hearer to interpret the message. The grammar leads from conceptualization to articulation with an appeal to various frames and pragmatic and semantic functions. This article defends a view of FDG as a cognitive tool, which allows the speaker to develop strategies aimed at stimulating the hearer to infer what the speaker wants to convey.

---

\* Professor emérito de Linguística Funcional na VU Amsterdam na Holanda. Atua como consultor em Línguas e Linguística, com mais de 40 anos de experiência. Fluente em várias línguas europeias, com especialização em Linguística inglesa, é membro executivo de importantes associações, tais como ESSE (European Society for the Study of English), uma federação de mais de trinta associações nacionais diferentes; e a Societas Linguistica Europæa. É um dos autores da obra *Functional Discourse Grammar* (2008). <https://orcid.org/0000-0001-9274-7088>. <https://www.lachlanmackenzie.info/>. E-mail para contato: [lachlan\\_mackenzie@hotmail.com](mailto:lachlan_mackenzie@hotmail.com).

**KEYWORDS:** Functional Discourse Grammar. Formulation. Encoding.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é apresentar de forma relativamente esquemática a minha perspectiva atual sobre a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que tenho ajudado desenvolver nos últimos vinte anos. Fala-se muitas vezes desta teoria em termos de ‘funcionalismo holandês’. É verdade que a GDF foi desenvolvida principalmente nos Países Baixos, surgindo como teoria sucessora da Gramática Funcional do holandês Simon C. Dik (1940–1995), catedrático em Linguística Geral da Universidade de Amsterdão; veja-se Mackenzie (2016). Atualmente a GDF é praticada em distintas partes do mundo, com muitos pesquisadores brasileiros a desempenharem um papel imprescindível na nossa equipa internacional. Como se verá, a GDF tem características únicas mas também possui semelhanças inegáveis com várias abordagens quer funcionais quer formais, tendo a particularidade de estar especialmente aberta para influências de outras teorias, disciplinas e percepções. Afigura-se como teoria ‘estrutural-funcional’ (no sentido do termo cunhado por Van Valin, 1993, p. 2). Teorias estruturais-funcionais têm “como objetivo dar conta não só da estrutura e da função (semântica e/ou pragmática), mas também da relação entre as duas” (Butler e González-García, 2014; todas as traduções neste ensaio são minhas).

A GDF situa-se a meu ver a meio caminho entre as teorias radicalmente formais e as radicalmente funcionais e compartilha algumas propriedades com as duas; compartilha mais propriedades com as menos radicalmente formais e funcionais. As relações entre cinco abordagens proeminentes podem assim com alguma simplificação ser representadas como estações num contínuo, veja-se Figura 1.

**Figura 1. Contínuo de abordagens gramaticais**

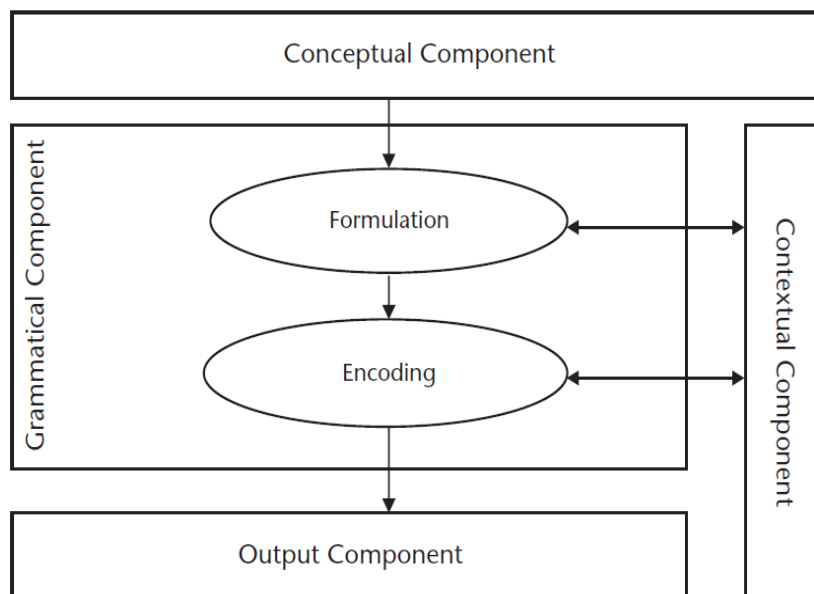
Gramática Generativa <i>Chomsky</i>	Gramática dos Papéis e Referência <i>Van Valin</i>	Gramática Dis- cursivo-Funcional <i>Hengeveld</i>	Linguística Sis- témico-Funcional <i>Halliday</i>	Gramática Emergente <i>Hopper</i>
FORMAL ----- FUNCIONAL				

Fonte: elaborado para esse artigo pelo autor.

Numa palestra recente ministrada em Birmingham (Inglaterra), o eminente tipólogo Haspelmath (2021), que é profundamente cético em relação a modelos gramaticais tais como os cinco representados em Figura 1, opinou que “[a Gramática (Discursivo-)Funcional e a Gramática dos Papéis e da Referência] não são crucialmente diferentes da gramática generativa, a não ser que seja sociologicamente, tendendo os seus praticantes a associar-se com não-generativistas.” Como espero demonstrar neste ensaio, porém, apesar de usarmos formalismos no intuito de atingir um elevado grau de precisão, a GDF difere completamente da gramática generativa, não só sociológica mas também teoricamente.

O estatuto de teoria estrutural-funcional reflete-se dentro da arquitetura da GDF na distinção entre a Formulação e a Codificação: as várias funções gramaticais tais como topicalidade, evidencialidade, modalidade, e tantas outras são distinguidas nas operações de formulação (esta é a vertente funcional), ao passo que as várias estruturas – oração, sintagma, palavra, afixo, etc. – se revelam nas operações de codificação (a vertente estrutural). A teoria da GDF está configurada para avançar teoricamente da formulação até a codificação ao colocar a pergunta “Quais são as funções formuladas na língua analisada e como é que nela se codificam?”. Nem todas as funções concebíveis estão presentes em cada língua: incluem-se na gramática de uma determinada língua apenas aquelas que têm consequências para a codificação. Por exemplo, a gramática de uma língua cujos verbos não possuam flexões de tempo verbal não incluirá temporalidade na formulação. Neste sentido é que a GDF se caracteriza como teoria “orientada para a forma mas indo da função para a forma (*form-oriented function-to-form*)” (Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 39; veja-se Figura 2, que também apresenta os componentes não gramaticais, a saber os componentes conceitual, contextual e de saída).

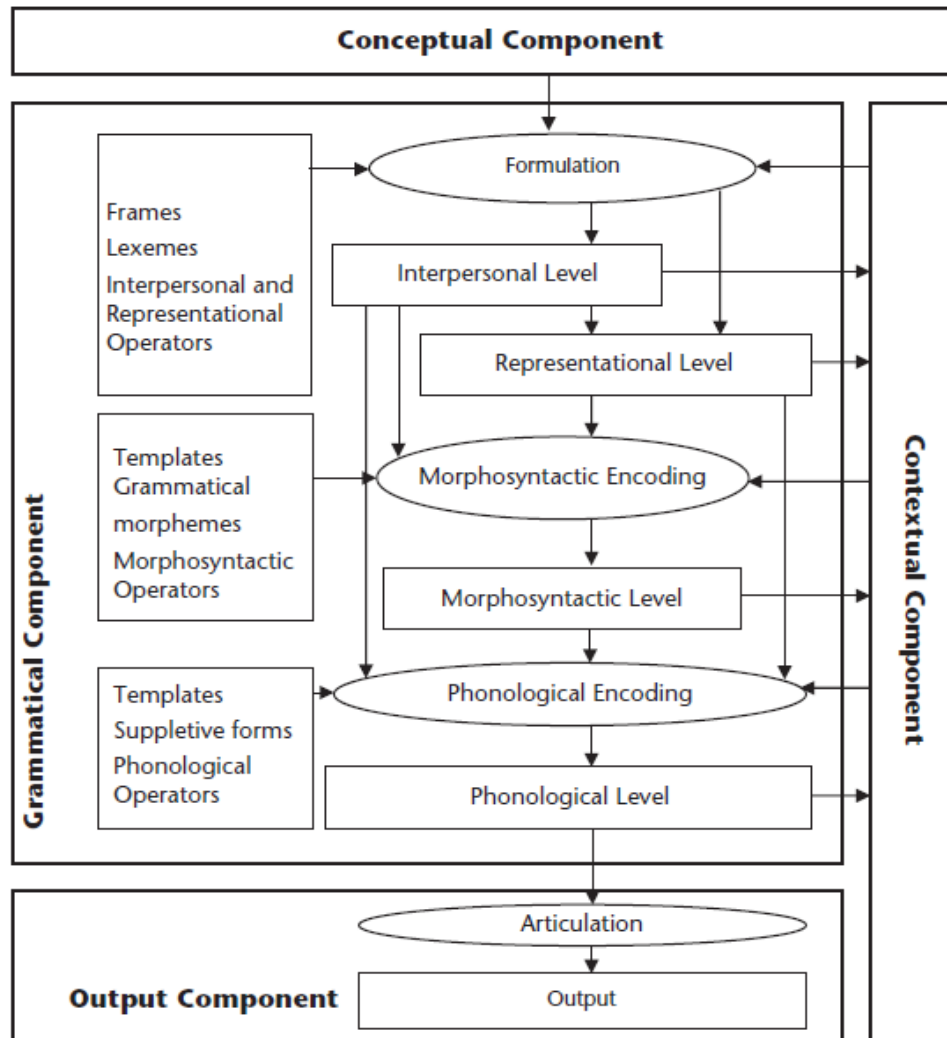
**Figura 2. Arquitetura de cima para baixo**



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008), p. 6

As operações de formulação geram dois níveis de análise: o Nível Interpessoal (NI) e o Nível Representacional (NR). As operações de codificação também geram dois níveis: o Nível Morfossintático (NM) e o Nível Fonológico (NF). Daí resulta um modelo bastante complexo e ambicioso, apresentado em Figura 3, em que se nota mais uma vez a direcionalidade “de cima para baixo”, da formulação para a codificação. Para mais detalhes sobre a teoria vejam-se Hengeveld e Mackenzie (2008, 2012), Pezatti (2014) e Keizer (2015); no Apêndice encontra-se uma lista completa de livros e números especiais de revistas publicados entre 2004 e 2021 sobre a GDF.

Figura 3: Modelo completo



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008), p. 13

## 1 Comunicar-se graças à imaginação e à capacidade inferencial

A noção de funcionalismo linguístico vai de par com uma conceitualização da gramática como ferramenta. Nesta ótica instrumentalista, os seres humanos fazem exatamente aquelas distinções de formulação e de codificação que precisam para veicularem os seus pensamentos e desejos. Encara-se a gramática como instrumento afinado, que tem sido aperfeiçoado por milhões e bilhões de utilizações na comunicação diária. Dor (2015) vê a linguagem como invenção coletiva, um sistema complexo que a comunidade de falantes

criou juntamente (em larga medida inconscientemente) e que apresenta um elevado grau de sofisticação quase-tecnológica. Ao falar, o usuário de uma língua está a convidar o ouvinte para imaginar uma experiência que este não vivenciou pessoalmente. Numa situação comunicativa bem sucedida, o ouvinte confia no falante e substitui a experiência direta do seu próprio mundo por uma experiência imaginada com base no que é sugerido pelas palavras do falante. O facto de as experiências, especialmente as imaginadas, serem privadas e individuais abre brechas entre nós seres humanos. Nunca conseguiremos experimentar o mundo como o outro o experimenta. Mas temos todos a possibilidade de utilizar a ferramenta linguística para instruir o destinatário num processo de imaginação que resulte em algo que seja suficientemente semelhante à nossa experiência. Como é sabido, nem sempre conseguimos.

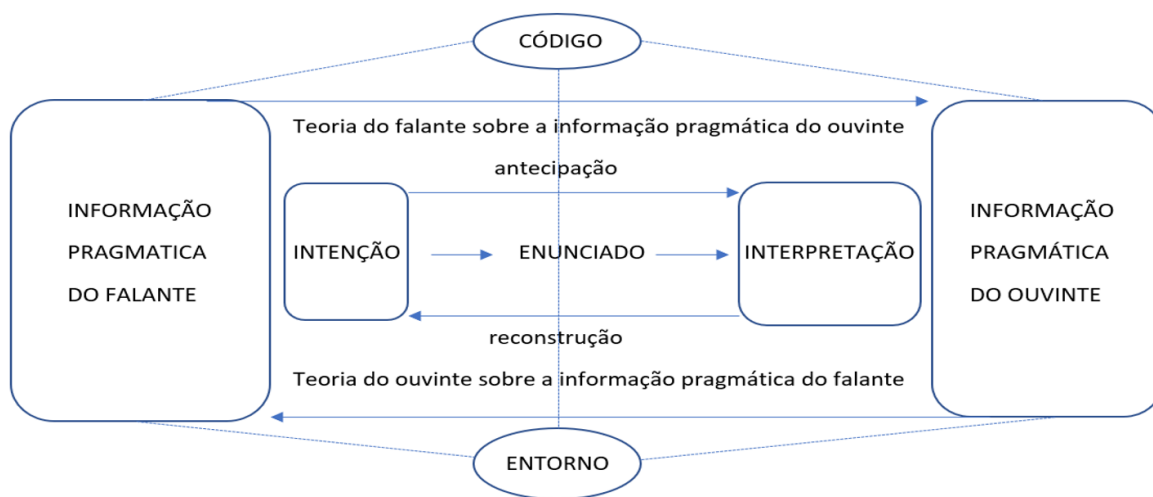
Encontram-se considerações análogas no trabalho de LaPolla (2003) que não fala na linguagem como ferramenta de imaginação mas sim na importância das inferências, e mais especificamente ele interpreta os enunciados como tentativas de restringir as inferências feitas pelo ouvinte. Atribui ao ouvinte a tarefa de entender as razões pelas quais o falante escolheu uma determinada formulação (e não outra). “A linguagem é simplesmente um instrumento usado para ajudar o intérprete (= ouvinte) a inferir mais facilmente a intenção comunicativa do falante” (LaPolla 2003, p. 115). Da perspectiva do falante, “O comunicador deve ... adaptar o enunciado ... de tal forma que o ouvinte não tenha que despende esforços desnecessários para criar um contexto que lhe permita ... chegar à interpretação pretendida” (2003, p. 117).

Estas duas abordagens estreitamente relacionadas, a de Dor e a de LaPolla, estão em consonância com a visão da GDF: enquanto instrumento, quer da imaginação, quer da capacidade inferencial, a gramática intervém entre a intenção do falante e a sua articulação do enunciado e intervém mais uma vez entre a decifração do enunciado pelo ouvinte e a sua interpretação da mensagem. Depois de conceber uma intenção comunicativa, o falante precisa da gramática (incluindo o léxico) para formular e para codificar essa intenção; ao ouvir um enunciado, o ouvinte precisa da gramática para descodificar o enunciado e para reconstruir a semântica e a pragmática que o subjazem. Isto implica que o falante atua

estrategicamente: querendo maximalizar as hipóteses de o ouvinte interpretar a mensagem nos seus próprios interesses, o falante escolhe uma das formulações permitidas pela língua compartilhada pelos interlocutores. Ao fazer isso, ele atende ao “equilíbrio a ser alcançado entre a comunicação linguística e gestual, a natureza do estado emocional atual do falante, o género da interação em curso ou o estatuto social relativo dos interlocutores, todos eles fatores que interferem de maneira dinâmica e complexa na formulação e codificação da cognição pré-linguística e das intenções comunicativas” (Hengeveld e Mackenzie 2016, p. 1137).

Esta visão não difere muito do modelo da interação verbal abraçado por Dik (1997, p. 8) na sua apresentação da Gramática Funcional e representada em Figura 4.

**Figura 4. Modelo da interação verbal de Dik (1997)**



Fonte: elaborado para esse artigo pelo autor.

Vê-se aqui o falante (ao lado esquerdo) que dispõe de “informação pragmática” (definida como “o conjunto de conhecimentos, crenças, preconceitos, sentimentos, etc., que constituem o conteúdo da mente de um indivíduo num determinado momento”; Dik, 1977, p. 5) assim como de uma ‘teoria’ sobre a informação pragmática do ouvinte. Analogicamente, o ouvinte (ao lado direito) dispõe de informação pragmática (diferente da do falante, claro) e

de uma ‘teoria’ sobre a informação pragmática do falante. Enquanto existem estas diferenças entre os dois interlocutores, também há elementos comuns: eles partilham o código (a gramática e o léxico da língua que ambos falam e entendem) e o entorno (ou pelo menos os aspetos objetivos e perceptíveis do contexto). Num ato de fala, o falante desenvolve uma intenção que ele formula e codifica por meio do código sob a forma de um enunciado à luz da sua ‘teoria’ sobre a informação do ouvinte e também do entorno em que ambos se encontram, antecipando as reações dele; depois, o ouvinte interpreta o enunciado no intuito de reconstruir a intenção do falante, utilizando o código, tendo em conta o contexto, e consultando a sua ‘teoria’ sobre a informação pragmática do falante.

Nesta visão funcionalista, o discurso resulta do gasto de energia por um ser humano num esforço para veicular pensamentos, sentimentos, pedidos, avisos, etc. a outros seres humanos, quer instruindo a imaginação deles (Dor) quer despoletando inferências (LaPolla). Apesar do nome da teoria, a Gramática Discursivo-Funcional não pretende ser uma gramática do discurso (Mackenzie, 2020) mas uma gramática das unidades que compõem os discursos (os chamados Atos Discursivos, encarados de acordo com a teoria da interação verbal de Dik resumida em Figura 4). Os Atos Discursivos são pedaços mínimos do discurso, que resultam daquela parte da estratégia comunicativa do falante que se prende com o pedaçamento (‘chunking’; Hannay e Kroon 2005, p. 104), o processo de cortar a sequência de ideias em bocados pronunciáveis e interpretáveis. A GDF alinha-se assim com a observação de Chafe (2018, p. 58) de que “[p]arece ser verdade em todas as línguas que o fluxo da fala espontânea pode ser segmentado em unidades de entoação”. A cada unidade entoacional, a cada Ato Discursivo, corresponde na visão de Chafe (2018, p. 62) “uma única ideia nova” (‘one new idea’).

## **2 Uma ferramenta eficaz: homologias entre formas e funções**

Assim como Chafe assumia uma correspondência entre cada ‘ideia nova’ e uma unidade de entoação, por outras palavras entre a conceitualização e a articulação (situadas na GDF respetivamente nos Componentes Conceitual e de Saída, vejam-se as Figuras 2 e 3), a



GDF também atribui um papel de grande importância a tais homologias mas situa-as dentro da gramática, utilizando a noção da transparência. “A transparência pode inicialmente ser definida em termos gerais como relação um-para-um entre significado e forma” (Leufkens 2015, p. 12), ou, mais especificamente, “A transparência obtém-se quando uma unidade de um dos dois níveis superiores de organização linguística [os Níveis Interpessoal e Representacional (NI e NR), veja-se Figura 3] corresponde a uma unidade num dos dois níveis inferiores da organização linguística [os Níveis Morfossintático e Fonológico (NM e NF)]” (Leufkens, 2015, p. 13). Em termos gerais, existem várias correspondências por defeito entre as Níveis da gramática; veja-se Figura 5.

**Figura 5: Algumas correspondências por defeito entre os Níveis**

<b>Níveis</b>	<b>Camadas altas</b>	<b>Camadas baixas</b>
Nível Interpessoal	Ato Discursivo	Subato Referencial
Nível Representacional	Estado-de-Coisas	Indivíduo
Nível Morfossintático	Oração	Sintagma nominal
Nível Fonológico	Sintagma Entoacional	Sintagma Fonológico

Fonte: elaborado para esse artigo pelo autor.

A GDF reconhece ainda mais correspondências que afetam a organização gramatical, tais como a iconicidade, que dita que a ordenação temporal da experiência física e mental (ou seja, o que acontece no Componente Conceitual) seja refletida nas camadas superiores dos Níveis Interpessoal e Representacional; a integridade dos domínios, de acordo com a qual as unidades que pertencem juntas nos Níveis Interpessoal e Representacional também serão justapostas umas às outras no Nível Morfossintático; e a estabilidade funcional, que exige que constituintes com a mesma especificação, seja ela interpessoal ou representacional, se coloquem na mesma posição em relação às outras categorias. Será evidente que estes quatro princípios (transparência, iconicidade, integridade dos domínios, estabilidade funcional) fazem com que as línguas sejam não somente ferramentas, mas ferramentas eficazes.

A GDF encaixa assim com várias tentativas recentes de descobrir como a eficácia moldou as línguas do mundo. Considerem por exemplo as observações de Gibson et al.

(2019). Primeiro, observam que em todas as línguas as palavras mais previsíveis são também as mais curtas (cf. a Lei de Zipf, que prediz que a frequência de qualquer palavra é inversamente proporcional à sua classificação na tabela de frequências). Segundo, descobrem que as ordens de palavras mais frequentes (SOV, SVO) são também as mais eficazes em termos da constância do fluxo de informação. E terceiro, constatam que línguas aprendidas em larga escala por falantes de outros idiomas são morfologicamente menos complexas. Em todos estes aspetos, as línguas constituem ferramentas muito bem adaptadas às tarefas específicas que cumprem. Mas também há sempre nelas aspetos coercitivos, por outras palavras regras gramaticais sem funcionalidade, ‘factos consumados’ que fazem parte das convenções de cada língua, tais como a presença de alinhamento acusativo (p. ex. Português) ou ergativo (p. ex. Basco), o posicionamento do verbo em posição inicial (línguas celtas), medial (línguas românicas) ou final (Turco, Japonês), ou irregularidades morfológicas (verbos irregulares, plurais irregulares, etc.). Há um consenso geral, no entanto, de que a existência de tais aspetos não funcionais ou mesmo anti-funcionais nas gramáticas não prejudica o princípio funcionalista de que as gramáticas são ferramentas eficazes para a transmissão de ideias e sentimentos (veja-se também Hengeveld e Mackenzie, 2022).

### **3 Implementação dinâmica**

Uma gramática pode ser encarada como construto estático, de acordo com o que vimos na Figura 5, que representa homologias entre quatro níveis vistos como estruturas hierárquicas com determinadas propriedades geométricas. Alternativamente, a gramática pode afigurar-se como planta de um processo dinâmico que se desenrola no tempo, de tal forma que se vai assemelhando a uma descrição da produção da fala. Consideremos o exemplo (1) (já várias vezes tratado em descrições da GDF, por exemplo em Hengeveld e Mackenzie 2012):

(1) Cuidado, há um touro no pasto!

Podemos presumir que na mente do falante existe neste caso na cognição pré-

linguística (modelada no Componente Conceitual) pelo menos uma percepção, uma reação emocional, um raciocínio e um desejo de emitir um aviso e de descrever a situação perigosa. Este complexo emocional-racional-comunicativo desencadeia as operações de formulação dentro do Componente Gramatical: é urgente formular-se um aviso no Nível Interpessoal e descrever-se a situação (motivando a emissão do aviso) no Nível Representacional. Estas operações de formulação estimulam por sua vez operações de codificação em que os elementos dos dois níveis de formulação fiquem organizados de acordo com as regras gramaticais e depois recodificados em termos fonológicos, prontos para a articulação (no Componente de Saída).

Trata-se em (1) de uma única Intervenção ('Move' em inglês) que contém dois Atos Discursivos ( $A_I, A_J$ ):

- (2) a. Ato Interativo ( $A_I: [(F_I: (D_I: cuidado_{Intj} (D_I)) (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A] (A_I)$ )  
 b. Ato Contentivo ( $A_J: [(F_J: DECL (F_J)) (P_I) (P_J) (C_I: [(-id R_I)_{Foc} (+id R_J) (C_I)]] (A_J)$ )

O Ato Interativo não contém Conteúdo Comunicativo, mas o Ato Contentivo sim, ( $C_I$ ). Enquanto o Ato Interativo é codificado diretamente por uma palavra invariável (*Cuidado!*), o Contentivo precisa de mais elaboração no Nível Representacional, onde a presença do Subato  $(-id R_I)_{Foc}$  no Nível Interpessoal despoleta o molde chamado 'existencial' (Hengeveld e Mackenzie 2008, p. 194):

- (3) ( $p_i: (Pres\ ep_i: (e_i: (f_i: [(1x_i: (f_j: tour_{ON} (f_j)) (x_i))_U (1l_i: (f_k: past_{ON} (f_k)) (l_i))_{Loc}] (f_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i)$ )

No Nível Morfossintático deparamo-nos com uma Expressão Linguística com uma parte não-oracional (*Cuidado!*) e uma parte oracional, e no Nível Fonológico utilizam-se operadores para ativarem a entoação apropriada. Não é o momento de mergulharmos mais fundo nos meandros da teoria da GDF; basta sublinhar que ela distingue entre a intenção do

falante (situada no Componente Conceitual) e a formulação e codificação estratégicas dessa intenção (situada no Componente Gramatical). A GDF difere por conseguinte daquelas teorias onde as representações semânticas são indistinguíveis das representações conceituais ou são mapeadas nelas numa relação uma-para-uma.

Esta abordagem discursivo-funcional implica que não há relação direta entre conceitos e palavras (lexemas). Concordamos por conseguinte com Kecskes (2007, p. 36) para quem “uma palavra é um símbolo que reúne todo o conhecimento e informação que já foram associados ao uso desse rótulo” enquanto um conceito “é um construto que mistura o conhecimento adquirido em contextos situacionais reais na perspectiva do indivíduo”. Na implementação dinâmica da gramática supomos que, no estágio inicial desta implementação, a intenção comunicativa aciona um molde na gramática que reflita os contornos gerais do que o falante quer veicular. Numa segunda fase entram em jogo outros fatores que derivam da estratégia comunicativa do falante, da influência do contexto discursivo, da natureza da interação (por exemplo, considerações de polidez), do impacto de entrincheiramento e/ou de pré-ativação, e das propriedades estruturais da língua que está a ser falada. Juntos, esses fatores desencadeiam várias escolhas detalhadas na formulação, incluindo a seleção de operadores gramaticais e, crucialmente, a inserção de lexemas nos moldes.

A GDF pretende ser cognitivamente adequada no sentido de espelhar evidências psicolinguísticas na sua arquitetura básica. Apesar das diferenças inevitáveis entre uma gramática e uma teoria psicolinguística da produção da fala, a abordagem da GDF parece condizer *grosso modo* com o que se sabe sobre a formulação de mensagens, p. ex. as observações baseadas em investigações de rastreamento ocular relatadas em Konopka e Brown-Schmidt (2014). Tais pesquisas tendem a revelar que antes de escolhermos as palavras que vamos pronunciar, as nossas mentes geram uma caracterização global da cena, determinando se ela é estática ou dinâmica, quantos indivíduos estão envolvidos e em que papéis. Em GDF, isto também se aplica na gramática, onde determinamos em primeiro lugar os moldes e as funções pragmáticas e semânticas. De acordo com os resultados da investigação psicolinguística, o falante escolhe os lexemas posteriormente, selecionando lexemas que se enquadram na já existente cena geral e fornecem mais detalhes sobre ela.

Também na implementação dinâmica da GDF, os lexemas são inseridos em moldes já selecionados, e adicionam-se operadores gramaticais de acordo com os requisitos específicos da língua falada.

É aqui que surgem diferenças contrastivas entre línguas, já que estas diferem nas restrições impostas sobre a constituição de cada nível de análise. Por exemplo, no Nível Interpessoal há línguas que têm recursos especiais para proibições, enquanto outras utilizam uma combinação da ilocução imperativa e da negação; no Nível Representacional há línguas com ou sem evidencialidade, quer dizer, a exigência de que o falante sempre especifique a fonte da informação que veicula (ouvir-dizer, testemunho, etc.); no Nível Morfossintático há línguas que reservam a posição no início da oração para o Tópico, outras para o Foco, já outras para o Verbo finito, etc. Vê-se que cada língua constitui uma caixa de ferramentas colocada à disposição do falante. Ela pode ser encarada como fornecedora de oportunidades de autoexpressão mas também como impostora de restrições.

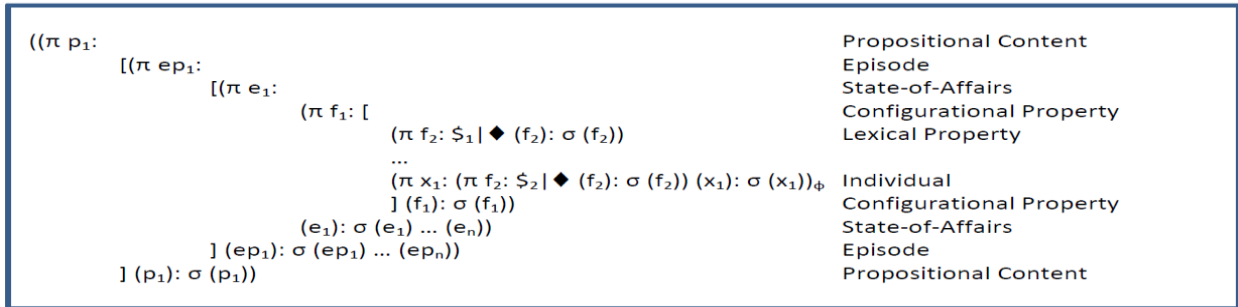
Sejam quais forem as diferenças entre línguas, todos os quatro níveis de análise têm uma organização hierarquicamente ordenada em camadas; o posicionamento relativo destas camadas é universal. Nas Figuras 6 e 7 veem-se as estruturas hierárquicas dos Níveis Interpessoal e Representacional da GDF.

**Figura 6. Estrutura hierárquica no Nível Interpessoal**

$\Pi M_1:$	Move
$[(\Pi A_1: [$	Discourse Act
$(\Pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Illocution
$(\Pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_s$	Speaker
$(\Pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A$	Addressee
$(\Pi C_1: [$	Communicated Content
$(\Pi T_1: [\dots] (T_1): \Sigma (T_1)) \dots (\Pi T_n)$	Subact of Ascription
$(\Pi R_1: [\dots] (R_1): \Sigma (R_1)) \dots (\Pi R_n)$	Subact of Reference
$] (C_1): \Sigma (C_1)$	Communicated Content
$] (A_1): \Sigma (A_1) \dots (\Pi A_n)]$	Discourse Act
$(M_1): \Sigma (M_1)$	Move

Fonte: Mackenzie (2019), p. 295

**Figura 7. Estrutura hierárquica do Nível Representacional**



Fonte: Mackenzie (2019), p. 297

Neste aspeto, existe uma evidente semelhança com algumas versões da gramática generativa, notavelmente a abordagem cartográfica de Cinque (1999) e outros, mas também com a hierarquização praticada pela Gramática dos Papéis e Referência funcionalmente inspirada de Van Valin e LaPolla (1997). A singularidade da nossa GDF é aplicarmos esta hierarquização também à pragmática (isso se faz no Nível Interpessoal, como se vê em Figura 6), embora a adoção por alguns pesquisadores generativistas de Sintagmas Ilocutivos ou de Sintagmas Topicais aponte parcialmente na mesma direção. Esta hierarquização tem várias vantagens. Contribui para o nosso entendimento da ordenação de sintagmas, palavras e morfemas, já que os itens posicionados na parte mais alta das várias hierarquias tendem a ocupar posições mais periféricas nas orações, enquanto os itens relativamente baixos tendem a ocupar posições mais centrais. Além disso, ela permite fazer uma distinção nítida entre itens hierarquizados e itens configuracionais (itens que ocorrem numa relação de equipolência na mesma camada da hierarquia, por exemplo o (C<sub>1</sub>) em Figura 6 ou o (f<sub>1</sub>) em Figura 7); esta distinção revela-se muito importante para o entendimento da sintaxe. Finalmente, a hierarquização resolve vários problemas na análise de advérbios, que podem ocorrer em todas as camadas dos dois níveis de formulação (NI e NR); vejam Figura 8, que aparecerá em Hengeveld (no prelo).

Figura 8. Classificação dos advérbios em inglês de acordo com Hengeveld (no prelo).

	Lexical Property	Configurational Property	State-of-Affairs	Episode	Propositional Content	Communicated Content	Illocution	Discourse Act
Degree	Degree <i>extremely</i>							
Manner	Predicate-oriented <i>beautifully</i>	Subject-oriented <i>angrily</i>						
Participation		Additional participant <i>manually</i>						
Quantification		Event-internal <i>briefly</i>	Event-external <i>frequently</i>					
Location		Direction <i>diagonally</i>	Relative location <i>internally</i>	Absolute location <i>nationally</i>				
Time		Aspect <i>completely</i>	Relative Time <i>simultaneously</i>	Absolute Time <i>recently</i>				
Modality		Participant Oriented <i>easily</i>	Event-oriented <i>mandatorily</i>	Objective epistemic <i>really</i>	Subjective epistemic <i>probably</i>			
Perspective					Perspective <i>technically</i>			
Evidentiality			Event perception <i>visibly</i>	Deductive <i>seemingly</i>	Inferential <i>presumably</i>	Reportative <i>reportedly</i>		
Intensification						Intensification <i>definitely</i>		
Speaker evaluation					Sp. eval. of Prop.Cont. <i>foolishly</i>	Sp. eval. of Comm.Cont. <i>fortunately</i>	Sp. eval. of Illocution <i>frankly</i>	Sp. eval. of Discourse Act <i>sadly</i>
Textual organization								Situating the Discourse Act <i>finally</i>

Fonte: Hengeveld (no prelo)

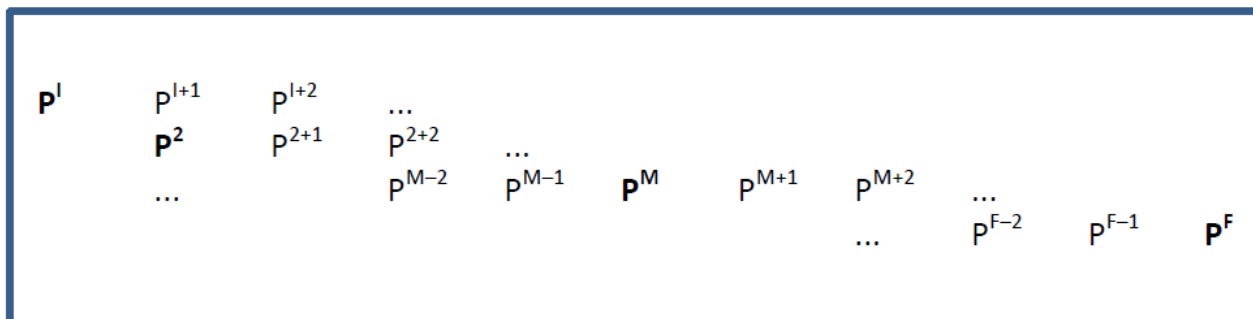
Quais são as repercussões para a sintaxe? A GDF postula que a sequência sintática é regida por uma sucessão de ‘estacas’ em posições psicologicamente proeminentes: P<sup>I</sup> (a posição inicial), P<sup>F</sup> (a posição final) P<sup>M</sup> (a posição medial), e P<sup>2</sup> (a segunda posição, imediatamente depois da P<sup>I</sup>). Os itens hierarquicamente mais altos vão diretamente para estas posições absolutas. Considere-se o seguinte exemplo de uma oração em alemão:

- (4) *Vielleicht ist er gestern angekommen.*  
 Possivelmente AUX.3S 3S.M ontem chegar.PTCP  
 P<sup>I</sup> P<sup>2</sup> P<sup>2+1</sup> P<sup>M</sup> P<sup>F</sup>  
 ‘Ele talvez tenha chegado ontem.’

Neste exemplo vai *angekommen* (o item em Foco, assinalado no Nível Interpessoal) diretamente à posição P<sup>F</sup>; *vielleicht*, advérbio da camada mais alta do Nível Representacional vai à P<sup>I</sup>; *gestern* (advérbio da segunda camada mais alta do NR vai à P<sup>M</sup>; e *ist* expressa o tempo absoluto, que se situa na mesma camada e vai portanto à P<sup>2</sup>. Já o *er* ‘ele’, que expressa

um elemento da propriedade configuracional (= não hierárquica), não vai para uma posição absoluta (todas as posições já estão ocupadas) mas para uma posição relativa ( $P^{2+1}$ ), a primeira posição depois da  $P^2$ . Em Figura 9 veem-se as posições absolutas e relativas reconhecidas na GDF.

**Figura 9. Posições absolutas e relativas**



Fonte: Mackenzie (2019), p. 306

Como se desprende de Figura 9, a GDF enfatiza a linearidade na morfossintaxe, enquanto teorias mais sintatocêntricas estão obrigadas a localizar a hierarquização na sintaxe. Há neste aspeto semelhança com a Arquitetura Paralela de Jackendoff (2010) além de haver também pontos de contacto com o estudo psicolinguístico da incrementalidade, que realça o facto de cada unidade linguística ser um acréscimo às unidades que a precedem. Muitas vezes ocorre que o falante pronuncia a primeira unidade de uma expressão linguística sem saber exatamente como vai continuar. Podemos modelar esta observação da seguinte maneira: enquanto o componente gramatical está operativo, o Componente Conceitual funciona em paralelo, mas correndo na frente para decidir o que se dirá em seguida e de modo a beneficiar-se da retroalimentação do componente linguístico. Muitas teorias já incorporam esta dinâmica (notavelmente a Sintaxe Dinâmica de Cann, Kempson e Martin 2005 e a Sintaxe Natural de O'Grady 2021).

Na primeira década deste século esbocei uma Gramática Funcional Incremental que continha elementos que acabaram por ser incorporados na GDF, tais como a ambição de dar conta de Atos Discursivos de todos os tipos, até os mais pequenos (os holofrásticos). O objetivo de uma gramática incremental é mostrar o impacto da cronologia de um enunciado



sobre a gramática. Em Mackenzie (2005) observei que os comentários televisivos de futebol estão sujeitos a diferentes graus da pressão de tempo, que depende da probabilidade de um golo ser marcado. Formulei a hipótese de que a complexidade sintática dos enunciados do comentador se correlacionariam com a posição da bola, que geralmente dita a probabilidade de um golo e descobri que a disponibilidade de tempo influenciava de facto as estratégias comunicativas. Quando há pouco tempo (= bola perto da baliza), o falante envia o material lexical ativado no NI diretamente para o NF para articulação imediata e contorna o NR e o NM; isso reflete-se na incompletude e até mesmo na agramaticalidade de muitos enunciados produzidos sob essas condições. Quando há mais tempo (= bola longe das duas balizas), o falante tem a possibilidade de enviar o material lexical ativado para o NR e depois para o NM, onde será formulado como oração completa ou até como sentença complexa, com muito menos casos de incompletude ou agramaticalidade.

## **Considerações finais**

Há várias maneiras de encarar a GDF: como quadro para a comparação e tipologização de línguas; como arcabouço teórico para a descrição de línguas individuais; como quadro para reflexões sobre a relação complexa entre conceitualização e contextualização; como alicerce para a investigação de noções abstratas tais como transparência, interface, arquitetura geral da capacidade linguística, etc. Neste breve artigo foquei na GDF como ferramenta cognitiva graças à qual o falante pode desenvolver uma estratégia na tentativa de estimular o ouvinte a ativar a sua imaginação, a inferir o que o falante quer veicular. Espero ter estimulado os leitores a imaginarem como poderão tirar proveito dessa teoria.

## **REFERÊNCIAS**

BUTLER, Christopher S.; GONZÁLVEZ-GARCÍA, Francisco. **Exploring functional-cognitive space**. Amsterdã: John Benjamins, 2014. DOI: 10.1075/slcs.157

CANN, Ronnie ; KEMPSON, Ruth ; MARTEN, Lutz. **The dynamics of language: An introduction**. Amsterdã: Elsevier, 2005.

CHAFE, Wallace. **Thought-based linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

DIK, Simon C. **The theory of Functional Grammar** (2 partes). Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.

DOR, Daniel. **The instruction of imagination: Language as a social communication technology**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GIBSON, Edward; FUTRELL, Richard; PIANTADOSI, Steven T.; DAUTRICHE, Isabelle; MAHOWALD, Kyle; BERGEN, Leon; LEVY, Roger. How efficiency shapes human language. *Trends in Cognitive Sciences*, vol. 23, n. 5, p. 389-407, 2019. DOI: 10.1016/j.tics.2019.02.003

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2015.

HANNAY, Mike; KROON, Caroline. Acts and the relationship between discourse and grammar. **Functions of Language**, [s.l.], vol. 12, n. 1, p. 87-124, 2005.

HASPELMATH, Martin. **Explaining diverse language structures from convergent evolution of linguistic conventions**. Birmingham: Birmingham Lectures, 2021.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. Gramática Discursivo-Funcional. *In: DE SOUSA, Edson R. (ed.). Funcionalismo linguístico: Novas tendências teóricas*. São Paulo: Editora Contexto, p. 43-86, 2012.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. Reflections on the lexicon in Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, vol. 54, n. 5, p. 1135-1161, 2016. DOI: 10.1515/ling-2016-0025.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. Interfaces, mismatches, and the architecture of Functional Discourse Grammar. *In: GARCÍA, Lucía Contreras; VELASCO, Daniel García (org.). Interfaces in Functional Discourse Grammar: Theory and applications*, 15-57. Berlim e Nova Iorque: De Gruyter Mouton, 2021. DOI: 10.1515/9783110711592-002

HENGEVELD, Kess. Adverbs. *In*: VAN LIER, Eva (org.). **The Oxford handbook of word classes**. Oxford: Oxford University Press. No prelo.

JACKENDOFF, Ray. The Parallel Architecture and its place in cognitive science. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (org.). **Oxford handbook of linguistic analysis**, p. 583-605. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KECSKES, Istvan. Synergic concepts in the bilingual mind. *In*: KECSKES, Istvan; ALBERTAZZI, Liliana (org.). **Cognitive aspects of bilingualism**, p. 29–61. Dordrecht: Springer, 2007.

KEIZER, Evelien. **A Functional Discourse Grammar for English**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KONOPKA, Agnieszka E.; BROWN-SCHMIDT, Sarah. Message encoding. *In*: GOLDRICK, Matthew; FERREIRA, Victor; MIOZZO, Michele (org.). **Oxford handbook of language production**, p. 3–20. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LAPOLLA, Randy J. Why languages differ: Variation in the conventionalization of constraints on inference. *In*: BRADLEY, David; LAPOLLA, Randy J.; MICHAILOVSKY Boyd; THURGOOD, Graham (org.). **Language variation: Papers on variation and changes in the Sinosphere and in the Indosphere in honour of James A. Matisoff**, p. 113-144. Canberra: Pacific Linguistics, 2003.

LEUFKENS, Sterre. **Transparency in language: A typological study**. Netherlands Graduate School of Linguistics, 2015.

MACKENZIE, J. Lachlan. Incremental Functional Grammar and the language of football commentary. *In*: BUTLER, Christopher S.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, María de los Ángeles; DOVAL-SUÁREZ, Susana (org.), **The dynamics of language use: Functional and contrastive perspectives**, p. 113-128. Amsterdã: John Benjamins, 2005. DOI: 10.1075/pbns.140.11mac

MACKENZIE, J. Lachlan. Uma primeira história da Gramática Funcional. **Guavira Letras**, vol. 22, p. 123-135, 2016.

MACKENZIE, J. Lachlan. The Functional Discourse Grammar approach to syntax. *In*: KERTÉSZ, András; MORAVCSIK, Edith; RÁKOSI, Csilla (org.), **Current approaches to syntax: A comparative handbook**, 291-316. Berlim e Nova Iorque: De Gruyter Mouton, 2019. DOI: 10.1515/9783110540253-011

MACKENZIE, J. Lachlan. Why Functional Discourse Grammar is not, and could not be, a discourse grammar. **Revista Canaria de Estudios Ingleses** vol. 80, p. 73-87, 2020. DOI: 10.25145/j.recaesin.2020.80.05.

O'GRADY, William D. **Natural Syntax: An emergentist primer**. Hawaii: University of Hawai'i at Mānoa, 2021.

PEZATTI, Erotilde. G. **A ordem das palavras em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VAN VALIN Jr., Robert D. A synopsis of Role and Reference Grammar. *In*: VAN VALIN Jr., Robert D. (org.). **Advances in Role and Reference Grammar**, p. 1-164. Amsterdã: John Benjamins, 1993.

VAN VALIN Jr., Robert D.; LAPOLLA, Randy J. **Syntax: Structure, meaning and function**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

### **Apêndice: Obras em Gramática Discursivo-Funcional 2004–2021**

Alturo, Núria, Evelien Keizer e Lluís Payrató (org.). 2014. *The interaction between context and grammar in Functional Discourse Grammar*. *Pragmatics* 24.2.

Camacho, Roberto Gomes e Erotilde Goreti Pezatti (org.). 2018. *Transparency in Indigenous languages of Brazil*. *Liames* 11.1.

García Velasco, Daniel e Gerry Wanders (org.). 2012. *The Morphosyntactic Level in Functional Discourse Grammar*. *Language Sciences* 34.4.

García Velasco, Daniel e Jan Rijkhoff (org.). 2008. *The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar*. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter.

García Velasco, Daniel e Lucía Contreras García (org.). 2021. *Interfaces in Functional Discourse Grammar*. Berlim e Nova Iorque: De Gruyter Mouton.

Genee, Inge e Evelien Keizer (org.). 2016. *The lexicon in Functional Discourse Grammar*. *Linguistics* 54.5.

Groot, Casper de e Kees Hengeveld (org.). 2005. *Morphosyntactic expression in Functional Grammar*. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter.

Guerrero Medina, Pilar e Carmen Portero Muñoz (org.). 2018. *Derivational morphology in Functional Discourse Grammar*. *Word Structure* 11.1.

Hattner, Marize e Kees Hengeveld (org.). 2007. *Advances in Functional Discourse Grammar*. *Alfa – Revista de Lingüística* 51.2.

- Hengeveld, Kees (org.). 2011. *Transparency in Functional Discourse Grammar. Linguistics in Amsterdam* 4.
- Hengeveld, Kees (org.). 2018. *Studies in transparency. Linguistics in Amsterdam* 11.2.
- Hengeveld, Kees e Gerry Wanders (org.). 2009. *The Representational Level in Functional Discourse Grammar. Lingua* 119.8.
- Hengeveld, Kees e Hella Olbertz (org.). 2018. *Systems of tense, aspect, modality, evidentiality and polarity in Functional Discourse Grammar. Open Linguistics* 4.
- Hengeveld, Kees, Heiko Narrog e Hella Olbertz (org.). 2017. *The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective*. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Keizer, Evelien e Hella Olbertz (org.). 2018. *Recent developments in Functional Discourse Grammar*. Amesterdão e Filadélfia: John Benjamins.
- Mackenzie, J. Lachlan e Hella Olbertz (org.). 2013. *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amesterdão: John Benjamins.
- Mackenzie, J. Lachlan e María de los Ángeles Gómez-González (org.). 2004. *A new architecture for Functional Grammar*. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Mackenzie, J. Lachlan e María de los Ángeles Gómez-González (org.). 2005. *Studies in Functional Discourse Grammar*. Berna, Berlim, Bruxelas, Frankfurt a.M., Nova Iorque, Oxford e Viena: Peter Lang.
- Pérez Quintero, María Jesús (org.). 2013. *Functional Discourse Grammar: Advances and prospects. Revista Canaria de Estudios Ingleses* 67.
- Van Staden, Miriam e Evelien Keizer (org.). 2009. *Interpersonal grammar: A crosslinguistic perspective. Linguistics* 47.4.
- Wanders, Gerry e Evelien Keizer (org.). 2009. *Special Issue: The London Papers 1. Web Papers in Functional Discourse Grammar* 82.
- Wanders, Gerry e Evelien Keizer (org.). 2010. *Special Issue: The London Papers 2. Web Papers in Functional Discourse Grammar* 83.